





HIGHLANDER

Dentro do Sonho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Dentro do Sonho*

AUTORIA: *Karen Marie Moning*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência Lda.

*Título original Into the Dreaming, Copyright © 2002 by Karen Marie Moning,
publicado nos E.U.A. por Delacorte Press.*

TRADUÇÃO: *Teresa Martins de Carvalho*

REVISÃO: *Rosa Vilaça*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Fevereiro, 2014*

ISBN: *978-989-637-620-8*

DEPÓSITO LEGAL: *369226/14*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA LDA.

Rua Adelino Mendes, N° 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro de Estoril, Portugal

Te l e Fax : 214 583 770

www.saidadeemergencia.com

HIGHLANDER

Dentro do Sonho

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

KAREN MARIE
MONING



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



ÍNDICE

Prefácio **11**

Dentro do Sonho **13**

Nota da Autora **104**

Posfácio **105**

Proposta para *Ghost of a Chance*
(*Fantasma de uma Eventualidade*) **111**

Cenas apagadas de *O Beijo do Highlander* **123**

O Highlander Negro Light **141**

Excerto do livro *Magia ao Vento*
de Christine Feehan **202**



*Para a minha irmã Laura, cujo talento para modelar barro informe se estende a
muitíssimo mais do que àquilo passível de cozer em forno de oleiro.*

*Que os teus jardins vicejem sempre em exuberante profusão, que a tua geleia de
pêssego e galinha com noz-pecã saibam sempre divinalmente, que a chama artística
da tua alma encontre sempre expressão, e que saibas sempre quão amada és.*



Prefácio

Se pegou neste livro, isso significa que é uma de quatro coisas: fã da minha série *Highlander*, fã dos meus livros *Fever*, nenhum deles, ou ambos.

Se é um dos meus fãs *Highlander*, este livro é para si. Escrito entre *O Beijo do Highlander* e *O Highlander Negro*, *Sonho Dentro* é puro romance, com os primeiros e débeis acordes de uma música mais sombria: um vislumbre do mundo das gélidas e inumanas cortes Seelie e Unseelie a que mais tarde dei forma na minha série *Fever*.

Se é um fã *Fever* e não leu os meus livros *Highlander*, foi aqui que tudo começou, quando primeiro soube que havia outra história bem mais sombria à espera de ser contada. Muitos de vós me têm escrito a perguntar como é que o Mundo Faery de *Sonho Dentro* se encaixa cronologicamente na série *Fever* e a resposta é: de todo. O que acontece em *Sonho Dentro* não aconteceu no mundo *Fever*. É completamente à parte, embora obviamente os contornos das personagens e da corte Fae e os temas sejam iguais. Pensem neste conto como nas sementes de uma ideia que não podia ainda passar a escrito, pelo que tomei umas notas à laia de esboço e voltei ao meu trabalho diário, escrever livros romanescos até que chegasse a altura certa. Ou antes, até acordar certa manhã de um longo e detalhadíssimo sonho e dar com a história tão incontornável como um amontoado de dez carros no nevoeiro cerrado numa estrada de uma via num túnel escuro.

Se é fã de ambas as séries, que bom voltar a vê-lo! Há extras de ambos os mundos incluídos nesta compilação. Encontrará uma proposta de livro para uma história não escrita, *Ghost of a Chance* (*Fantasma de uma Eventualidade*), cenas apagadas de *O Beijo do Highlander*, e uma boa porção de *O Highlander Negro Light*, a versão que não chegou a ser publicada, mais um pouco do que se passava no meu mundo nessa altura.

Encontrará igualmente uma espreitadela ao romance gráfico *Fever Moon: The Fear Dorcha*, um livro colorido de capa dura com mais de 150 páginas, protagonizado pela dupla Mac & Barrons numa aventura completamente original que tem lugar durante *Shadowfever*. Para aqueles de entre vós que são novatos para a minha série *Fever*, incluímos também uma antevisão desses livros.

Se nunca leu nem uma nem outra série e apenas pegou neste livro levado pela capa e pela sinopse, bem-vindo! Esta coleção dar-lhe-á uma visão dos mundos sobre os quais escrevo, e é uma excelente maneira de molhar a ponta do pé e ver se lhe agrada a água.

Os meus especiais agradecimentos à Random House por trazer *Sonho Dentro* de volta ao mundo numa maravilhosa embalagem. Tinha-se esgotado e muitos leitores ou não o encontravam ou se me queixavam por pagar preços exorbitantes por um exemplar de bolso com os cantos das páginas dobrados.

Provocante e irónica folia, *Sonho Dentro* foi inspirado pelas minhas irmãs: Laura e o seu fabuloso dom para a cozinha, e Elizabeth com as suas infames anedotas da Jane Tonta¹. No entender de Jane Sillee (poderia eu ser mais óbvia?), se polvilharmos de sexo estelar essa mistura, temos tudo o necessário para uma história maravilhosa. Estou inclinada a concordar.

Passe pela minha página de Facebook ou pelo fórum de mensagens do meu site quando acabar de ler. Adoro ter notícias dos leitores! Fiquem junto das luzes,

Karen

¹ *Silly Jane* no original, que se presta ao trocadilho com o apelido da personagem principal. (N. da T.)

Dentro do Sonho

O seu corpo rijo e molhado reluziu ao luar ao emergir do oceano. Os olhos brilhantes de tempestuosa água-marinha encontraram os dela, e o coração bateu-lhe disparado.

Ele jazia nu diante dela, a expressão dos olhos tudo oferecendo, prometendo a eternidade.

Quando ele lhe passou a mão forte pela nuca e a chegou mais a si para receber o seu beijo, os lábios dela apartaram-se num suspiro de sonhadora antecipação.

O seu beijo foi gentil a princípio, depois tão tempestuoso como o próprio homem, pois ele era homem de profundos segredos, homem de mais profunda ainda paixão, o seu Highlander.

Uma mão transformou-se em duas enterradas no seu cabelo, um beijo transformou-se num segundo beijo de feroz e feroso desejo, até que ele a tomou nos braços, subiu correndo as escadas do castelo e a levou para a sua câmara de dormir..

— Do manuscrito não publicado de Jane Sillee,
Fogo Highlander



Era uma terra de sombras e gelo.

De cinzento. E mais cinzento ainda. E preto.

Nas profundezas das sombras espreitavam inumanas criaturas, de membros retorcidos e hediondo semblante. Coisas que mais valia evitar olhar.

Entrassem as criaturas nos pálidos feixes do que por luz passava no terrível lugar, morreriam, dolorosa e lentamente. Tal como ele morreria — o mortal *Highlander* aprisionado entre colunas de doentia luz —, lograsse ele quebrar as cadeias que o prendiam e buscar escapar através daquelas aterrorizadoras sombras.

Escarpados penhascos de gelo erguiam-se altaneiros acima dele. Um vento frígido ululava através de escuros e labirínticos desfiladeiros, carregando um ciciar de vozes desoladas e débeis e infernais gritos. Nem o sol, nem a doce brisa da Escócia, nem o odor da urze penetravam o seu gelado e lúgubre inferno.

Ele odiava-o. A sua própria alma se encolhia ante o horror do lugar.

Anelava pelo calor do sol no seu rosto e vivia sôfrego do doce esmagar da relva sob as suas botas. Teria dado anos da sua vida pela segurança do seu garanhão entre as suas coxas e o sólido peso do seu espadão no punho.

Sonhava — quando lograva escapar à agonia do que o rodeava recolhendo-se nas profundezas da sua mente — com o fulgor de um fogo de turfa polvilhado de folhas de urze. Com as quentes e amorosas

carícias de uma mulher. Com pão amanteigado de côdea dourada ainda quente do forno. Coisas simples. Coisas impossíveis.

Para o filho de um chefe de clã das *Highlands*, que passara uma vintena mais dez anos em resplandecentes montanhas e vales, cinco anos eram uma intolerável sentença; um encarceramento a ser suportado apenas por força de vontade, por suave acalantar da luz da esperança dentro do seu coração.

Mas ele era um homem forte, com o régio sangue de reis escoceses correndo ardente e genuíno nas suas veias. Sobreviveria. Retornaria e reclamaria o seu legítimo lugar, cortejaria e conquistaria uma formosa moça de coração terno e espírito impetuoso como a sua mãe, e encheria as salas de Dun Haakon com a música de pequeninas vizinhas.

Com tais sonhos, suportou ele cinco anos na infernal desolação.

Só para descobrir que o rei das trevas o havia iludido.

A sua sentença jamais fora de cinco anos de todo, mas sim de cinco anos *faery*: cinco centos de anos na terra de sombra e gelo.

Nesse dia em que o seu coração se transformou em gelo dentro do seu peito, nesse dia em que uma única lágrima lhe congelou na face, nesse dia em que lhe foi negado até o simples consolo de sonhar, acabou ele por achar a sua prisão um lugar de beleza.

— Rainha minha, o rei Unseelie detém um mortal cativo.

O rosto da rainha Seelie permaneceu impassível, não fosse a sua corte ver quão profundamente perturbadoras achava ela as novas do mensageiro. Por muito tempo haviam a Corte da Luz Seelie e a Corte das Trevas Unseelie batalhado. Por muito tempo a havia o rei Unseelie provocado. — Quem é esse mortal? — perguntou displicentemente.

— Aedan MacKinnon, filho e herdeiro da princesa nórdica Mary Insolente e de Findanus MacKinnon, de Dun Haakon na Ilha de Skye.

— Descendente do rei escocês, Kenneth McAlpin — cismou a rainha em voz alta. — O rei Unseelie torna-se ganancioso, almejando alto, se é que busca virar a semente dos McAlpin para os seus tenebrosos caminhos. Que barganha fez ele com este mortal?

— Ele enviou ao mundo a sua atual Mão de Vingança para trazer a morte aos membros do clã do mortal, mas negociou que, consentisse o mortal de sua própria vontade passar cinco anos no seu reino, lhe pouparia os seus.

— E o MacKinnon concordou?

— O rei ocultou-lhe que cinco anos em Faery são cinco séculos. Ainda assim, como descendente do McAlpin, suspeito que o MacKinnon houvesse aceitado o termo completo para proteger o seu clã.

— Que concessão faz o rei? — perguntou a rainha astuciosamente. Qualquer barganha entre faery e mortal deveria incluir a possibilidade de o humano ganhar de volta a sua liberdade. Contudo, mortal algum levava jamais a melhor sobre um faery em tal barganha.

— No fim da sua sentença, ser-lhe-á concedido todo um ciclo lunar no mundo mortal, na sua casa em Dun Haakon. Se, findo esse tempo, ele amar e for amado de retorno, será livre. Se não, servirá como a nova Mão de Vingança do rei até que o rei escolha rendê-lo, altura em que morrerá.

A rainha emitiu um som curiosamente semelhante a um suspiro. Através de tão cruéis métodos usava desde há muito o rei Unseelie criar o seu mortal e estimado assassino — o seu amado Vingança — ao capturar um mortal, fazê-lo ultrapassar os limites humanos até à loucura, empedernindo-o contra toda a emoção, outorgando-lhe então poderes e artes especiais.

Dado que ao rei Unseelie era barrada a entrada no mundo humano, treinava ele o seu Vingança para levar a cabo as suas ordens, para não se eximir de ato algum por mais abominável que fosse. Os mortais não ousavam sequer sussurrar o nome do gélido assassino, não fossem inadvertidamente atrair a sua impiedosa atenção. Se algum homem irava o rei Unseelie, Vingança punia o clã do mortal, não poupando inocentes. Se resmungos se ouviam relativamente a faery, Vingança silenciava-os de cruéis e imaginativas maneiras. Se a casa real não se submetia ao mundo faery, Vingança derrubava reis com tanta ligeireza como se deitam por terra as peças de um tabuleiro de xadrez.

Até à data, fora o rei Unseelie dado a sequestrar um insignificante mortal, um destituído de clã que lhe sentisse a falta, para treiná-lo como o seu Vingança. Desta feita fora longe de mais, cismava a rainha Seelie, ao sequestrar um descendente de sangue de um dos maiores reis da formosa Scotia — homem de grande honra, nobre e verdadeiro de coração.

Ela ganharia este mortal de volta.

A rainha ficou-se em silêncio por algum tempo. Depois, — Ah, o que não lhe farão quinhentos anos naquele lugar — soprou numa voz arrepiante. O rei Unseelie havia nomeado bem os termos da sua barganha. Aedan MacKinnon ainda seria mortal no fim do seu cativeiro mas

já nem remotamente humano uma vez libertado. Certa feita, há muito tempo e jamais esquecida, ela própria atravessara aquela terra interdita, dançara sobre um pináculo de gelo negro, dormira no aveludado abraço do rei das trevas...

— Acaso uma tapeçaria encantada — cismou —, que traga até ao MacKinnon a verdadeira e única companheira do seu coração. — Ela não podia combater diretamente o rei Unseelie, não fosse o embate das suas magias por demais lesar a terra. Mas podia e tudo faria em seu poder para assegurar que Aedan MacKinnon encontrasse o amor no fim do seu encarceramento.

— Rainha minha — aventou o mensageiro vacilante —, eles apenas terão uma travessia da lua no firmamento. Acaso deversem encontrar-se em Sonho.

A rainha ponderou por um momento. Sonho: esse esquivo, tão procurado, sempre esquecido reino onde os mortais ocasionalmente roçavam pálido ombro contra asa iridescente de fada. Esse lugar onde os mortais se espantariam de saber que batalhas eram ganhas e perdidas, universos nascidos, e verdadeiro amor predestinado, de Cleópatra e Marco António a Abelardo e Heloísa. Os amantes podiam encontrar-se em Sonho e partilhar toda uma vida de mútuo amor antes sequer de se encontrarem no reino mortal. Esse seria um grande alicerce para o sucesso do seu plano.

— Palavras avisadas — concordou a rainha. Levantando-se com graça fluida do seu caramanchão florido, ergueu os braços e começou a cantar.

Da sua melodia uma tapeçaria foi tecida, de tradição faery, de pedaços de sangue e osso, de sedoso cabelo do trineto do McAlpin, de antigos ritos só da Verdadeira Raça conhecidos. Enquanto ela cantava, a sua corte entoava:

*Sonho dentro se faça p'ra eles enredo
onde enquanto dormem se amarão
e depois despertos se reunirão
Até qu'ò fogo do amor queimò inferno de gelo.*

E uma vez completada a tapeçaria, a rainha maravilhou-se.

— É verdadeiramente este o semblante de Aedan MacKinnon? — perguntou, olhando a tapeçaria com inequívoco interesse erótico.

— Eu o vi, e assim é — replicou o mensageiro, humedecendo os lábios, o olhar fito na tapeçaria.

— Afortunada mulher — disse a rainha melifluamente.

A rainha faery foi até ele em Sonho, já a sua sentença ia adiantada, e ele à beira da loucura. Passando-lhe uma unha recurvada contra o maxilar gelado, segredou-lhe ao ouvido, — Mantém-te firme, MacKinnon, pois que encontrei a tua companheira de alma. Ela te aquecerá. Ela te amará acima de todos os outros.

O monstro acorrentado ao gelo lançou para trás a cabeça morena e riu.

Não era um som humano de todo.



ATUALIDADE
OLDENBURG, INDIANA

Jane Sillee tinha uma relação intensamente apaixonada com o seu carteiro.

Era a clássica relação de amor-ódio.

No momento em que o ouvia aproximar-se assobiando pelo passeio fora, o coração saltava-lhe disparado, um sorriso viçoso recurvava-lhe os lábios, e a respiração acelerava-se-lhe.

Mas no momento em que ele não lhe entregava a carta de aceitação enaltecendo as maravilhas do seu manuscrito, ou pior, lhe estendia uma carta de rejeição, ela odiava-o. *Odiava-o*. Sabia que a culpa era de alguma maneira dele. Que talvez, simplesmente *talvez*, um editor tivesse escrito ardentes elogios acerca dela, ele tivesse deixado cair a carta por descuido, o vento a tivesse feito voar e levado consigo, e nesse preciso momento o seu brilhante e resplandecente futuro jazesse encharcado e em decomposição numa poça de lama algures.

Até que ponto se podia confiar num empregado federal, de qualquer maneira?, cismava ela desconfiada. Acaso ele fizesse parte de um estudo encoberto destinado a determinar quanto podia um escritor torturado suportar antes de se passar e virar um criminoso armado de caneta.

— Prosa cor-de-rosa, o tanas — resmungou baixinho, fazendo a mais recente carta de rejeição numa bola. — Apenas usei tinta preta. Não me posso dar ao *luxo* de ter um tinteiro a cores. — Fechou a pontapé a porta do minúsculo apartamento e deixou-se cair na cadeira reclinável *Naugahyde* em segunda mão.

Massajando as têmporas, franziu o cenho. Simplesmente tinha de arranjar maneira de publicar esta história. Convencera-se de que era a única forma de alguma vez o tirar da cabeça.

A ele. Ao seu moreno e *sexy Highlander*. O tal que vinha ter com ela em sonhos.

Estava perdidamente e por demais apaixonada por ele.

E, aos vinte e quatro anos, começava mesmo a ficar preocupada consigo mesma.

Suspirando, desfez a bola e alisou a carta de rejeição. Esta era a pior delas todas e tornava-se miseravelmente pessoal, detalhando numerosas razões por que a sua obra era incompetente, inaceitável e completamente idiota. — Mas eu oiço *mesmo* música celestial quando ele me beija — protestou Jane. — Pelo menos em sonhos oiço — resmungou em surdina.

Amachucando-a uma vez mais, lançou-a através da sala e fechou os olhos.

Na noite anterior dançara com ele, o seu amante perfeito.

Tinham dançado a valsa numa clareira entre as árvores, acariciados por uma fragrante brisa florestal, sob um dossel de veludo negro de estrelas cintilantes. Ela tinha um vestido de diáfana seda cor de limão. Ele tinha um *plaid*² preto e carmesim sobre uma camisa de linho de atilhos. O seu olhar era de tal modo terno e apaixonado, as suas mãos de tal modo fortes e hábeis, a sua língua de tal modo ardente e esfomeada e...

Jane abriu os olhos, suspirando estrepitosamente. Como iria ela supostamente ter uma vida normal quando andava a sonhar com o homem desde que tinha idade suficiente para se lembrar que sonhava? Em criança, pensara nele como no seu anjo da guarda. Mas ao desabrochar numa jovem mulher, ele tornara-se tão mais que isso.

Nos seus sonhos, tinham pulado a dança das espadas entre duplas fogueiras no *Beltane*³, no topo de uma majestosa montanha, enquanto bebericavam hidromel de canecas de estanho. Como podia um piroso baile de liceu com uma bola de espelhos suspensa do teto e acompanhado de ponche havaiano em copos de plástico comparar-se com aquilo?

² Espécie de manta ou capa de lã, normalmente em xadrez, usada pelos antigos escoceses das Terras Altas, enrolada em torno da cintura e com uma ponta caindo sobre o ombro esquerdo. (N. da T.)

³ Festividades do calendário celta correspondentes ao primeiro de maio e início do verão. (N. da T.)

Nos seus sonhos, ele tinha-lhe habilmente e com dolorosa gentileza tirado a virgindade. Quem queria um avaliador de seguros e frustrado potencial jogador profissional de golfe, espectador de futebol de segunda-feira à noite e emborcadador de cerveja?

Nos seus sonhos, ele fizera amor com ela uma e outra e outra vez, o seu toque ardente estilhaçando-lhe a inocência e despertando-a para toda a espécie de sensuais prazeres. E conquanto, nas suas horas de vigília, ela houvesse diligenciado levar uma vida normal, apaixonar-se por um homem de carne e osso, muito simplesmente nenhum simples homem se podia equiparar aos seus sonhos.

— És um caso perdido. Tira o sentido dele, já — resmungou Jane baixinho para consigo própria. Se ganhasse um dólar por cada vez que dizia aquilo a si própria, seria proprietária da Trump Tower. E dos direitos aéreos acima dela.

Olhando o relógio de relance, levantou-se a custo da cadeira. Tinha de estar no trabalho no Smiling Cobra Café dali a vinte minutos, e, se chegasse outra vez atrasada, Laura bem podia cumprir a ameaça de despedi-la. Jane tinha tendência para se esquecer das horas, imersa a escrever ou pesquisar ou simplesmente a sonhar acordada.

Tu és coisa de uma era passada, Jane, dissera Laura uma dúzia de vezes.

E de facto Jane sempre sentira ter nascido no século errado. Não tinha nem queria ter carro. Odiava ruídos estridentes, condomínios e arranha-céus e adorava a não maculada província com os seus aconchegados chalés. Sujeitava-se a viver num apartamento porque não tinha dinheiro para uma vivenda. Ainda.

Querida uma horta e um pomar da sua lavra. Talvez uma vaca leiteira para fazer manteiga e queijo e natas acabadas de bater. Ansiava por ter bebés — três rapazes e três raparigas serviriam lindamente.

Sim, na era atual, era definitivamente coisa do passado. Dos tempos das cavernas, provavelmente, pensou desolada. Enquanto as suas amigas tinham acabado a faculdade e corrido com os seus diplomas de gestão e pastas de executivo a condizer para trabalhar em arranha-céus de vidro e aço, determinadas a equilibrar carreira, filhos e casamento, Jane tinha tirado um bacharelato de Letras e ido trabalhar num café, acalentando mais simples aspirações. Tudo o que queria era um emprego sem pressão que não interferisse com as suas ambições de escritora. Jane achava que o disparar da taxa de divórcios tinha e muito que ver com o facto de as pessoas tentarem dar conta de coisas a mais. Ser esposa, amante, melhor amiga e mãe parecia-lhe a ela um prato mais que cheio. E se — não, emendou firmemente —,

quando a sua obra fosse finalmente publicada, a escrita de romances seria uma carreira perfeita para ter em casa. Teria o melhor de ambos os mundos.

Pois, e algum dia o meu príncipe virá...

Afugentando com um encolher de ombros um mais que familiar lampejo de depressão, fez rolar a bicicleta para fora da minúscula passagem entre a cozinha e o quarto e agarrou num blusão e na mochila. Ao abrir a porta olhou de relance por sobre o ombro para se assegurar de que desligara o computador e foi contra a grande embalagem que tinha sido deixada à sua porta.

Aquilo não estava ali há uma hora quando recebera o correio das mãos transpiradas e indignas de confiança do carteiro. Talvez ele tivesse voltado segunda vez a trazê-lo, cismou; era *mesmo* grande. Devia ser a sua recente encomenda pela Internet do alfarrabista online, decidiu. Chegara mais cedo do que esperava, mas disso não se queixava ela.

Passaria os próximos dias imersa numa bem-aventurança de heróis maiores que a vida, romance escaldante e universos alternativos. Olhando novamente o relógio de relance, suspirou, encostou a bicicleta contra a ombreira da porta, arrastou a caixa para dentro do apartamento, fez rolar a bicicleta para fora para o patamar, e fechou e trancou a porta. Não cairia no erro de abrir a caixa agora. Rapidamente passaria de uma vista de olhos às capas, para o folhear de um livro, até se perder por completo num mundo de fantasia.

E então é que Laura a despedia de certeza.

Era quase uma da manhã quando Jane finalmente chegou a casa. Se tivesse tido de fazer um só mais galão reforçado, meio-descafeinado, extra-longo, em copo escaldado, com duplo adoçante e uma ligeira camada de espuma para mais uma barbie anoréxica e caprichosa, teria sido capaz de agredir a cliente. Porque não podia ninguém beber já um bom café à moda antiga? Cheio de açúcar — e com *carradas* de natas. A vida era demasiado curta para contar calorias. Pelo menos era o que dizia a si própria de cada vez que a impostora balança a dava como gorducha para um metro e sessenta e um vírgula nove milímetros.

Com um encolher de ombros mental, afugentou os pensamentos de trabalho da cabeça. Já passara. Fizera o seu turno, e agora era livre de ser simplesmente Jane. E mal podia esperar para começar aquele novo romance de vampiros que estava mortinha por ler!

Depois de lavar os dentes, deslizou das calças de ganga e da

camisola para fora e enfiou a sua camisa de dormir favorita, aquela romântica cheia de folhos com minúsculas margaridas e centáureas bordadas no decote pronunciado. Arrastou a caixa para perto da cama antes de se sentar de pernas cruzadas sobre o colchão de penas à moda antiga. Cortando o adesivo da embalagem com uma lima de unhas metálica, deteve-se e fungou, quando um odor irresistivelmente apimentado emanou da caixa para fora. Jasmim, sândalo e algo mais... algo fugidio que a fazia sentir-se, mais que sonhadoramente romântica, positivamente excitada. *Que fantástica altura para ler um romance*, pensou lastimosamente, *sem nenhum homem para atacar quando as cenas de amor aquecerem*. Intocada a não ser em sonhos, as suas hormonas tinham tendência para borbulhar num constante e suave fervilhar.

Com um sorriso retorcido, escavou as bolinhas de espuma roxa e deteve-se de novo quando as suas mãos se fecharam em tecido rugoso. Franzindo o cenho, tirou-o para fora, fazendo voar bolinhas de espuma pelo chão de madeira. O exótico odor encheu o quarto, e olhou de relance para a janela fechada, apatetada com a súbita brisa abafada que lhe levantou fios do cabelo ruivo encaracolado e lhe colou a camisa de dormir ao corpo.

Perplexa, colocou o tecido dobrado em cima da cama, e inspeccionou a caixa. Nem carimbo nem remetente, mas o seu nome estava impresso em cima em grandes letras de forma, junto ao número de apartamento.

— Bem, pagar é que não pago — anunciou, certa de que não tardaria a seguir-se uma conta choruda. — Não encomendei nada. — Uma ova é que iria pagar por uma coisa que não queria. Já lhe era sobejamente difícil pagar as coisas que queria.

Irritada por não ter livros para ler, puxou distraidamente pelo tecido, depois desdobrou-o e estendeu-o sobre a cama.

E sentou-se imóvel, boquiaberta.

— *Não* tem graça nenhuma — soprou, chocada. — Não — emendou num sussurro trémulo —, isto não é *possível*.

Era uma tapeçaria, finamente tecida de luminosas cores, representando um magnífico guerreiro *highlander* postado diante de um castelo medieval, com as pernas afastadas numa postura arrogante que claramente o proclamava como seu dono e senhor. Trajando um tartã preto e carmesim, adornado com as insígnias do clã, tinha ambas as mãos estendidas como que para a agarrar.

E era *ele*. O seu homem de sonho.

Inspirando fundo, fechou os olhos, e abriu-os devagarinho.

Ainda era ele. Cada detalhe precisamente como ela o sonhara,

desde os poderosos antebraços e oh tão capazes mãos aos luminosos olhos de água-marinha, e aos sedosos cabelos negros e boca sensual.

Como teria ela adorado viver nos tempos medievais, com um homem como ele!

Sob a sua imagem, cuidadosamente bordado, estava o seu nome. — Aedan MacKinnon — sussurrou.

Os mortais não toleravam bem o cativo em Faery — não envelheciam e o tempo estendia-se até ao infinito — e Aedan MacKinnon não era exceção. Bastaram uns meros duzentos anos de aprisionamento no gelo, a par das imaginativas torturas do rei, para que o *Highlander* esquecesse quem fora outrora. O rei devotou os dois séculos seguintes a treiná-lo e condicioná-lo brutalmente.

Educou o *Highlander* em cada língua falada e instruiu-o nas artes e usos e costumes de cada século de modo que ele pudesse mover-se entre a espécie humana em qualquer era sem levantar suspeitas. Treinou-o em cada concebível arma e forma de combate e outorgou-lhe dons especiais.

Durante o quinto e último século, o rei despachou-o frequentemente para o reino mortal para aplicar um ou outro castigo. Erradicar o confuso sentido de honra do mortal provara ser impossível, de modo que o rei utilizava feitiços negros para o constranger a obedecer durante tais missões, e se o conflito causava ao mortal incomensurável dor, o rei disse não cuidava. Só o resultado final importava ao rei Unseelie.

Após cinco séculos, o homem outrora conhecido por Aedan MacKinnon não tinha recordação da sua curta vida de trinta anos no reino mortal há tanto tempo atrás. Já não sabia ser ele próprio mortal e não entendia porque o bania agora o seu rei para lá.

Mas o rei sabia que apenas possuiria o seu Vingança após ter ele cumprido todos os termos do acordo original — o acordo que o *Highlander* há muito esquecera. Segundo esse acordo, o rei estava interdito de coagi-lo com magia ou instrução de qualquer espécie: Vingança teria de passar o seu mês em Dun Haakon, livre da intromissão do rei.

Ainda assim, o rei podia oferecer algumas sugestões... sugestões que sabia que o seu bem-adestrado Vingança interpretaria como ordens diretas. Depois de informar Vingança — para quem o tempo pouco significado tinha — de que estava no ano de 1428, refrescando-lhe

os conhecimentos que tinha desse século, e dando-lhe uma pesada bolsa de moedas em ouro, o rei Unseelie “sugeriu”, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— O teu corpo terá necessidades no reino mortal. Deves comer, mas eu sugeriria que busques apenas comida branda.

— Às ordens, meu soberano — replicou Vingança.

— A aldeia de Kyleakin fica perto do castelo onde residirás. Será acaso melhor que apenas lá vás abastecer-te de víveres e não folgues por lá.

— Às ordens, meu soberano.

— Acima de tudo o mais, seria desavisado buscar a companhia de fêmeas humanas ou permitir-lhes que te toquem.

— Às ordens, meu soberano. — Uma pausa carregada, e depois, — Terei de o deixar?

— Será por pouco tempo, Vingança meu.

Vingança olhou pela última vez a terra que tão bela achava. — Às ordens, meu soberano — disse.

Jane examinou a tapeçaria, passando-lhe os dedos por cima, tocando a face do homem, interrogando-se porque nunca teria tentado criar uma imagem dele. Que alegria era contemplá-lo nas suas horas de vigília! Interrogou-se de onde teria vindo aquilo, porque lhe teria sido enviado, se significaria que ele *realmente* existia algures onde quer que fosse. Talvez, decidiu, ele tivesse vivido há muito tempo, e a tapeçaria tivesse sido o seu retrato, passado de geração em geração. Parecia ter sido amorosamente estimada ao longo dos séculos.

Ainda assim, isso não explicava como ou porque lhe tinha sido enviada a *ela*. Nunca falara a ninguém nos estranhos sonhos recorrentes com o seu *Highlander*. Não havia explicação lógica para a chegada da tapeçaria. Desconcertada, sacudiu a cabeça, dispersando as perturbadoras perguntas do pensamento, e contemplou nostálgica a imagem dele.

Engraçado, cismou, toda a vida sonhara com ele mas até agora nunca soubera o seu apelido. Ele era apenas Aedan e ela apenas Jane.

As noites de sonho de ambos eram destituídas de conversa fiada. O deles era um amor sem palavras — a calma e jubilosa união de duas metades de um todo. Sem necessidade de perguntas, apenas de dança e de fazer amor e, um dia não muito longínquo, bebés. O amor deles transcendia a necessidade de linguagem. A linguagem do coração era inconfundível.

Aedan MacKinnon. Rolou o nome uma e outra e outra vez na cabeça.

Interrogou-se, desejou e anelou por ele, até que, por fim, pousou a face sobre o seu rosto, enroscou-se, e beijou-lhe ternamente o semblante. Ao flutuar para o mundo dos sonhos — naquele peculiar momento anterior ao sono profundo que sempre dava a sensação a Jane de estar a cair — julgou ouvir uma voz argêntea cantar baixinho. As palavras soaram claramente, ecoando-lhe na mente:

*Liberta-o do seu inferno gelado
E no seu século podereis ambos habitar.
Em Sonho o tens amado
Desperta, tens agora de o salvar.*

E depois nada mais pensou, arrastada numa torrente de sonhos.

1428
ILHA DE SKYE

Quando Jane acordou tinha um gatinho esparramado no seu pescoço, a dormir. Com as patas enterradas no seu cabelo encaracolado, esfregava e ronronava delirante, o seu corpinho minúsculo palpitando de prazer.

Pestanejou, tentando acordar. *Havia um gatinho dentro da caixa, também?*, interrogou-se, afagando-lhe a barriga sedosa, sentindo-se terrivelmente culpada por não ter dado por nada antes. Como respirara ele dentro da caixa? O pobrezinho devia estar esfomeado! Pensou que devia ter algum atum na dispensa para dar ao pequeno rafeirito. Espreguiçando-se devagarinho, tirou a criaturinha do pescoço e rolou de lado.

E soltou um guincho.

— *L-L-Lago!* — gaguejou. — Tenho um lago no quarto! — A nem um metro dela. De um azul profundo e marulhando gentilmente na borda. Borda em que ela tinha estado a dormir.

Aturdida, sentou-se direita, levando a cabo uma frenética verificação mental. Quarto, desaparecido. Apartamento, desaparecido. Tapeçaria, desaparecida. Gatinho, aqui. Camisa de dormir...

Desaparecida.

— Não estou *nada* a fim de sonhos constrangedores — sibilou Jane. Uma coisa qualquer florida roxa. Aqui. Castelo. Aqui.

Castelo?

Esfregou os olhos com a base das palmas das mãos. O gatinho miou e deu-lhe uma marradinha insistente, a pedir mais festas na barriga.

Agarrou no gatinho listado de tigre e olhou boquiaberta para o castelo. Parecia-se bastante com o castelo que ela visitava nos seus sonhos, só que este castelo estava em ruínas; dele apenas um quarto restava ileso.

— Ainda estou a dormir — sussurrou. — Estou simplesmente a sonhar que acordei, certo? — Pouco se teria admirado se o gatinho houvesse arreganhado os dentinhos perlados e replicado descaradamente.

Mas não o fez, pelo que, embalando-lhe o corpinho minúsculo nos braços, levantou-se e pôs-se a andar direita ao castelo, encolhendo-se quando os seus pés nus pisavam pedras. Tentou imaginar para si própria roupa e sapatos de sonho, mas não resultou. *É no que dá controlar o subconsciente*, pensou. Ao contemplar a parte do castelo ainda intacta — uma torre central quadrada escorada por uma ala que por sua vez ostentava uma torre redonda mais pequena — o seu olhar foi atraído por um sombrio adejar no topo das muralhas. Observando, o adejar transformou-se numa camisa, a camisa num ombro, o ombro num homem.

O seu homem.

Quedou-se imóvel, de olhos fitos lá em cima.

Vingança não abarcava o que o levara a subir até ao topo da torre. A sua intenção fora sentar-se no salão do estranho castelo, comendo apenas o bastante para sobreviver, para nada olhando, esperando retornar para o seu rei, mas momentos atrás sentira uma subjugadora compulsão de sair lá para fora. Estar lá fora, contudo, era desconcertante — nada de frias sombras e gelo mas sim desenfreadas cores e calor — pelo que em vez disso subira ao passadiço no topo da torre, onde se sentira menos sitiado pela alienígena paisagem.

E ali estava ela — a moça.

Nua como feita fora.

Algo no fundo das suas entranhas deu de si. Labaredas de cabelo ruivo encaracolado emolduravam um delicado rosto de porcelana, tombando-lhe pelas costas abaixo, e caindo-lhe em anéis sobre os seios... seios fartos e altos e de pontas rosadas.

Pernas de rosa e alabastro; esguias de tornozelo, generosas de coxa. Mais tremeluzente cabelo encaracolado no ponto em que elas se encontravam. Por um momento, padeceu de uma inexplicável incapacidade de arrastar o olhar para cima.

Mas por um momento apenas.

Ela tinha um diminuto gatinho chegado aos seios, e ele teve um

outro estranho momento, dado o luxurioso poleiro do animalzinho, ao ser assaltado de vaga e distante reminiscência.

Esquiva, fugidia.

As fêmeas Unselie eram gélidas criaturas, com membros magros e corpos frígidos.

Contudo esta mulher não parecia gélida. Nem esguia. Mas cheia e generosamente arredondada e macia e... cálida.

Seria desavisado buscar a companhia de fêmeas humanas ou permitir-lhes que te toquem, ordenara o seu rei.

Vingança virou costas e deixou o passadiço da torre.

A boca de Jane abriu-se e fechou-se uma dúzia de vezes enquanto ele jazia no cimo da torre de olhos fitos nela cá em baixo. Desaparecera sem uma palavra. Como se nem sequer a conhecesse! Como se não tivessem sido amantes de sonho por quase todo o sempre!

Como se ela nem sequer estivesse ali especada em toda a sua glória, que — a acreditar nas palavras de amor que ele lhe sussurrara em sonhos — era considerável.

Bem, pensou Jane Sillee irritada, *se ele pensa que isto é um rompimento em sonho, está prestes a ter outro pensamento.*



Era um bocadinho difícil entrar intempestiva e convictamente por uma porta de castelo dentro nua, mesmo num sonho.

Vinham preocupações à cabeça como celulite e no que se podia pisar com o pé descalço.

De modo que Jane apenas logrou, apesar da sua legítima ira, entrar furtivamente no castelo, com um ar bastante incerto e, se é que os seus mamilos eram um bom cata-vento, visivelmente enfiada.

Ele estava sentado diante do fogão vazio, de olhos fitos nele. Ela olhou desejosa a lareira, ansiando por um bom fogo. Podia ser verão lá fora, mas fazia frio dentro das paredes húmidas de pedra. Sempre galante nos seus sonhos, ele decerto satisfaria o seu mais ínfimo desejo e trataria de acendê-la.

Ocorreu-lhe então que nunca tivera frio em nenhum dos seus sonhos. Arquivou o pensamento para futura consideração. Havia algo muito insólito com este sonho.

— Aedan — disse suavemente.

Ele não moveu um músculo.

— Aedan, meu amor — tentou de novo. Talvez ele estivesse de mau humor, pensou, perplexa, embora ele nunca tivesse estado de mau humor em nenhum dos seus sonhos antes, mas supunha que haveria uma primeira vez para tudo. Estaria ele zangado com ela por alguma coisa? Teria ela surgido ali do nada depois de cometer alguma transgressão em sonhos?

Ele continuava sem se mover ou responder.

— Desculpa — disse não tão docemente já, descrevendo um círculo à frente dele, usando o gatinho faminto de amor à laia de echarpe, sentindo-se subitamente insegura, interrogando-se o que cobrir, os seios ou o... Bem, talvez ele não olhasse para baixo.

Olhou para baixo.

Quando ela baixou o gatinho a miar, ele olhou para cima.

— Isso não vale — disse, corando. — Empresta-me a tua camisa. — Isto não se estava a desenrolar de todo como um dos seus sonhos. De costume, ela não se importava de estar nua com ele pois ou estavam a fazer amor na cama, ou numa meda de feno acabado de ceifar, ou num doce e límpido *loch*, ou sobre uma mesa mesmo a jeito, mas agora ele estava completamente vestido, e algo estava fora dos eixos. — Por favor. — Estendeu a mão.

Quando ele encolheu os ombros, se levantou e pôs-se a desapertar o atilho da camisa de linho, o alento quedou-se-lhe preso na garganta. Quando ele ergueu um braço ao alto, cerrou o punho sobre o colarinho da camisa e a puxou pela cabeça acima, ela engoliu em seco. — Oh, *Aedan* — soprou. Deslumbrante. Ele era simplesmente perfeito, com músculos flexíveis ondulando-se-lhe nos antebraços, no peito, e no abdómen retesado. Ela beijara cada suave ondulação em sonhos. A pura beleza visceral do seu *Highlander* atingiu-a como um soco no estômago, fazendo-lhe fraquejar os joelhos.

— Não sei porque persistes em chamar-me por essa nomenclatura. Eu sou Vingança — disse ele, a sua voz qual lâmina contra pedra bruta.

A boca de Jane abriu-se de par em par num «O» de surpresa. — Vingança? — ecoou inexpressivamente, de olhos esbugalhados. E então, — Isto é um sonho, não é, *Aedan*? — Era muito diferente do sonho do costume. Nos seus sonhos tudo era ligeiramente desfocado e de contornos esbatidos, mas agora as coisas eram claras como cristal.

Um bocadinho claras de mais, pensou, franzindo o cenho enquanto olhava à sua volta.

O interior do castelo era uma absoluta bagunça. A pouca mobília estava encardida e enferruscada de fuligem, e teias de aranha pendiam oscilantes das vigas do teto. Não havia vidro nas janelas, nem cortinados, nem sumptuosas tapeçarias, nem luxuriosos tapetes. Uma solitária e raquítica cadeira empoleirava-se diante de uma mesa delapidada que se inclinava periclitante diante de uma lareira vazia. Nem velas, nem lamparinas. Era espartano, lúgubre, e por demais frígido.

Ele ponderou a pergunta dela por um momento. — Não sei o que são sonhos. — Apenas havia a existência tal como ele sempre a conhecera. Sombras e gelo e o seu rei. E dor por vezes, dor além do entendimento. Ele aprendera a evitá-la a todo o custo. — Mas eu não sou quem tu pensas.

Jane inalou bruscamente, magoada e desnorteada. Porque estava ele a negar quem era? Era ele... e contudo não era. Semicerrou os olhos, estudando-o. Uma lustrosa cascata de cabelo escuro — a mesma dos

seus sonhos. O rosto cinzelado e o maxilar esculpido — os mesmos. Olhos brilhantes, da cor das ondas tropicais — não os mesmos. Nas suas profundezas parecia cintilar gelo. Os seus lábios sensuais tinham um ligeiro laivo azulado, como que de exposição a um frio extremo. Tudo nele parecia frígido; de facto, bem podia ter sido talhado de gelo e pintado em tons de carne.

— És, sim — disse firmemente. — És Aedan MacKinnon.

Um insólito lampejo brilhou bem no fundo dos seus olhos de água-marinha mas logo se esfumou. — Deixa-te desse nome ridículo. Eu sou Vingança — disse, a sua voz profunda soando cavernosa no salão de pedra. Atirou-lhe a camisa.

Avidamente, ela estendeu os braços para a apanhar, intensamente perturbada, precisando de roupa, alguma espécie de armadura para desviar o gélido olhar dele. Quando a mão dela roçou a dele, ele recuou bruscamente a sua, e a camisa caiu ao chão.

Duplamente magoada, ela fitou-o por um longo momento, depois inclinou-se e depôs o gatinho no chão, que prontamente se lhe enroscou em torno dos tornozelos, ronronando. Numa pressa desajeitada, enfiou rapidamente a camisa pela cabeça e puxou-a para baixo até mais não. O suave tecido chegava-lhe quase aos joelhos quando de novo se endireitou. O decote dava-lhe pelo umbigo. Apertou-a rapidamente, mas de pouco serviu para lhe cobrir os seios.

O olhar dele parecia por demais fixo ali.

Inspirando fundo de uma assentada, pulou por cima do afetuoso gatinho e avançou direita a ele.

Ele levantou instantaneamente uma mão. — Alto. Nã te acerques de mim. Tens de ir.

— Aedan, não me conheces de todo? — perguntou lamentosa.

— Veramente, nunca antes te vi, humana. Este lugar é meu. Ala.

Os olhos de Jane arregalaram-se até mais não. — Humana? — ecoou. — Ala? — dardejou. — E vou para onde? Não sei *como* sair daqui. Não sei como aqui cheguei. Pelos sinos do inferno, não estou certa de sequer realmente aqui *estar* ou sequer de onde fica aqui!

— Se não sais tu, saio eu. — Levantou-se e deixou o salão, deslizando para as sombras da ala adjacente.

Jane fitou inexpressivamente o espaço onde ele tinha estado.

Jane estudou o lago por um longo momento antes de mergulhar o dedo na água, e depois lambê-lo. O gatinho listado de tigre estava sentado

nos quadris, contorcendo a cauda larga e fofa e olhando curioso para ela.

Sal. Não era por um lago que estava rodeada, mas pelo mar. *Que mar?* Que mar confinava com a Escócia? Nunca fora boa a geografia, tinha sorte se conseguia dar com o caminho para casa no dia-a-dia. Mas também, cismou, nunca antes em nenhum dos seus sonhos se dignara ela pensar em geografia — mais uma prova de que este sonho era manifestamente anormal.

Jane caiu de pernas cruzadas na borda rochosa, sacudindo a cabeça. Ou tinha dado completamente em doida, ou estava a ter o primeiro pesadelo de sempre com o seu amante de sonho.

Ali sentada, esfregando a testa e pensando com força, as suaves sílabas de uma rima acudiram-lhe à memória. Algo a respeito de o salvar... a respeito de estar no século dele.

Jane Sillee, fizeste-o finalmente, repreendeu-se a si mesma, *leste demasiados romances*. Só nos livros é que as heroínas eram feitas recuar no tempo, e então acabavam em geral na idade mé... *oh!*

Pondo-se em pé de um salto, girou de volta para o castelo e deu uma longa e atenta olhadela ao que a rodeava. Do lado esquerdo do castelo, a cerca de um quilómetro de distância, ficava uma aldeia de cabanas de barro e vime com telhados de colmo, com preguiçosas espirais de fumo elevando-se no céu.

Uma aldeia com ar bem medieval.

Beliscou-se, com força. — Au! — Fez doer. Interrogou-se se aquilo provava alguma coisa. — Não é possível — assegurou a si mesma. — *Devo estar a sonhar.*

Liberta-o do seu inferno gelado e no seu século podereis ambos habitar. Em Sonho o tens amado, desperta tens agora de o salvar. A rima, fugidia uns momentos atrás, acudia-lhe agora claramente de volta à memória.

— Impossível — escarneceu.

Mas e se não for?, questionou esperançosamente uma vizinha no seu coração. E se a misteriosa tapeçaria a fizera de algum modo recuar para os tempos medievais? Acompanhada de instruções bem claras: de que, se ela o salvasse, poderia ficar com ele. No século *dele*.

Que século era aquele?

Jane bufou e sacudiu a cabeça.

Ainda assim, persistia a vizinha com persuasiva lógica, *há apenas três possibilidades: Estás a sonhar. Estás louca. Ou estás realmente aqui. Se é que estás a sonhar, nada importa, pelo que bem podes mergulhar fundo. Se é que estás louca, bem, nada importa também, pelo que bem*

podes mergulhar fundo. Se é que estás realmente aqui, e deverás supostamente salvá-lo, tudo importa, por isso é bom que te despaches e mergulhes fundo.

— Estou louca — resmungou em voz alta. — Viagens no tempo, o tanas.

Mas a vizinha tinha alguma lógica. O que tinha ela a perder por suspender temporariamente a incredulidade e interagir com o que a rodeava? Só imergindo na atual conjuntura poderia ela dar-lhe algum sentido. E, se fosse um sonho, mais cedo ou mais tarde acordaria.

Mas céus, pensou, inspecionando a paisagem, parecia tudo tão *real*. De longe mais real do que qualquer um dos seus sonhos alguma vez fora. As mimosas flores roxas em forma de campainha exalavam uma doce fragrância. O vento carregava consigo o travo salgado do mar. Quando se inclinou para afagar o gatinho, sentiu-lhe o pelo macio e sedoso e o pequeno focinho molhado. Se é que estava a sonhar, era o mais detalhado, incrível sonho que alguma vez tivera.

O que a fez interrogar-se quão detalhado e incrível seria fazer amor com Aedan neste «sonho». Só isso era incentivo bastante para mergulhar fundo e já.

O estômago roncava-lhe insistentemente, mais outra coisa que nunca lhe acontecera em nenhum dos seus sonhos. Resolutamente, tratou de regressar ao castelo. O gatinho acompanhou-a saltitante, tentando apanhar uma ocasional borboleta com as joviais patinhas, e logo se apressando para o pé dela.

Trataria de manter a mente aberta, resolveu ao entrar dentro do salão nobre. Interrogá-lo-ia, descobriria que ano seria supostamente aquele, e onde supostamente estaria ela. Depois tentaria descobrir por que motivo não a conhecia ele e porque julgava ele ser «Vingança».

Aedan estava de novo sentado, tal como antes, de olhos fitos na lareira vazia. Ostentando calças soltas pretas, botas, e um torso gloriamente nu, estava mortalmente imóvel.

Quando ela se empoleirou na frígida pedra da lareira diante dele, os olhos cintilavam-lhe perigosamente. — Julguei que te tinhas ido — rosnou.

— Já te disse, não sei como sair daqui — disse ela simplesmente.

Vingança considerou as palavras dela. Teria o seu rei deliberadamente colocado a fêmea humana ali? Se sim, porquê? De todas as vezes que o seu rei o havia enviado para o reino mortal, Vingança recebera instruções precisas, uma missão específica a desempenhar. Mas não desta vez. Não sabia que guerra causar, que ouvido envenenar com mentiras, ou quem matar ou mutilar. Quiçá, cismou, esta fosse a

maneira de o seu rei o pôr à prova, de ver se Vingança lograria determinar o que queria ele de si.

Estudou-a. Não havia como negá-lo, estava curioso em relação à humana. Ela era a antítese de tudo aquilo com que se deparara na sua vida; vibrante, com o seu cabelo chamejante e corpo curvilíneo. Pele de porcelana pálida e róseos lábios. Olhos de âmbar fundido franjados de fuscas pestanas e inclinados para cima nos cantos exteriores. Ela tinha muitas expressões faciais, músculos vivazes que lhe repuxavam os lábios para cima e para baixo e de muitas maneiras. Deu consigo a perguntar-se que sensação daria ela, tocasse-a ele, se seria tão macia e cálida como parecia.

— Importavas-te de me acender a lareira? — pediu ela.

— Não tenho frio. Nem tu pareces ter frio — acrescentou, percorrendo-a com o olhar. Parecia bem mais quente do que fosse o que fosse que ele jamais vira.

— Pois bem, tenho. Lareira. Já, por favor — disse ela firmemente.

Após momentânea hesitação, ele acedeu ao seu comando, dispondo os blocos, hábil e lesto, sem nunca tirar os olhos de cima dela. Sentia-se por demais intrigado com os seus seios. Não abarcava o que havia naqueles suaves e bojudos montículos sob o linho puído que tanto lhe prendia a atenção. Estivessem eles no seu próprio corpo, teria ficado horrorizado com o excesso de carne gorda, mas só de olhar para ela, dava com os dedos a dobrar-se e desdobrar-se, desejoso de lhes tocar, acaso tomar o seu peso bojudo nas mãos. Para uma mera humana, ela tinha uma presença poderosa. Considerou a possibilidade de que — diminuta como ela era — acaso fosse bem perigosa. Afinal de contas, havia coisas em Faery de ínfima estatura capazes de infligir indizível dor.

— Obrigada — disse ela, esfregando as mãos uma na outra diante das labaredas que chispavam no fogão. — São tijolos de turfa, não são? Já li acerca deles.

— Oh, sim.

— Interessante — murmurou ela pensativamente. — Não são como eu pensei que fossem. — Depois sacudiu bruscamente a cabeça e focou-se de novo nele. — Qual é o nome deste castelo?

— Dun Haakon — replicou ele, logo se sobressaltando. De onde surgira aquele nome? O seu rei nada lhe havia dito acerca dos seus alojamentos temporários.

— Onde estou eu?

Mais saber para o qual ele não tinha respostas: — Em *Eilean A Cheo*.

— Onde? — perguntou ela atarantada.

— É Gaélico para «ilha brumosa». Estamos na Ilha de Skye. — Acaso fosse saber que o seu rei há muito lhe ensinara, decidiu. Ali, silencioso até se tornar necessário. O seu rei dissera-lhe amiúde que o preparara para qualquer lugar, em qualquer tempo.

Jane inspirou profundamente. — Em que ano estamos?

— Mil quatrocentos e vinte e oito.

Ela inalou bruscamente. — E há quanto tempo vives tu aqui?

— Eu nã vivo aqui. Apenas ficarei uma travessia da lua. Cheguei ontem.

— Onde *vives* tu?

— Fazes muitas perguntas. — Refletiu por um momento, e decidiu que não havia mal em responder às perguntas dela. Ele era, afinal de contas, Vingança. Poderoso. Perfeito. Mortífero. — Eu vivo com o meu rei no seu reino.

— E onde é isso?

— Em Faery.

Jane engoliu em seco. — Faery? — disse debilmente.

— Oh, sim. O meu rei é o rei Unseelie. Eu sou o seu Vingança. E sou perfeito — acrescentou, como que em tardia reflexão.

— Isso é altamente discutível — murmurou Jane.

— Nã. Não é nada. Eu sou perfeito. Assim mo diz o meu rei. Diz-me ele que eu serei o mais temido guerreiro alguma vez existente, que o nome Vingança perdurará na lenda para todo o sempre.

— Estou a tremer — disse Jane secamente, com uma expressão aflita.

Ele olhou-a então, insistentemente. O seu cabelo, o seu rosto, os seus seios, depois mais abaixo ainda, os olhos tardando-lhe nas pernas nuas e lisas e nos tornozelos esguios. — Tu não és de todo o que eu esperava dos humanos — disse por fim.

Deixa-te ir, disse ela para consigo mesma. *Dado que nada disto faz qualquer sentido, simplesmente deixa-te ir pelo que ele te disse e vê aonde leva.* — Tu não és o que eu esperava de um faery — disse com ligeireza.

— Não deverias supostamente ter pequenas asas cintilantes?

— Nã me parece que eu seja faery — disse ele cautelosamente.

— Então és humano? — insistiu ela.

Ele pareceu confundido, depois sacudiu ligeiramente a cabeça.

— Bem, se não és faery e não és humano, o que és tu?

Os sobrolhos dele afundaram e ele mexeu-se desconfortavelmente mas não deu resposta.

— Então? — encorajou ela.

Após uma longa pausa ele disse, — Vou precisar da minha camisa de volta, moça. Podes encontrar roupa na torre redonda ao fundo do corredor. — Apontou para trás dele. — Vai lá.

— A conversa ainda não acabou, Aedan — disse ela, semicerrando os olhos.

— Vingança.

— Eu não vou parar de fazer perguntas, *Aedan*. Tenho carradas delas.

Ele encolheu os ombros, levantou-se, e perambulou até à janela, virando as costas para ela.

— E tenho fome, e quando tenho fome fico resmungona. Tens comida, não tens?

Ele permaneceu estoicamente silencioso. Uns momentos depois ouviu-a bufar, depois desandar em busca de roupa.

Se não és faery e não és humano, o que és tu? A pergunta dela pairou no ar depois de ela sair, por responder. Irrespondível.

Veramente, não sabia.

Ela era uma criatura exigente.

Vingança acabou por ter de fazer três viagens a Kyleakin para adquirir as coisas que a moça considerava «necessidades básicas». Era abundantemente claro que ela não tinha planos de sair dali. Deveras, intentava regalar-se no regaço do luxo por toda a duração da sua estada. Dado que ele não estava certo de o seu soberano ter providenciado a sua presença como parte de algum plano misterioso que escolhera não desvelar, e dado que lhe fora dito que residisse no castelo até ser intimado, podia ao que parecia partilhar os seus alojamentos temporários. Sentia-se por demais inquieto e só desejava saber o que era esperado dele. Como podia ele agir em prol do seu rei se não sabia porque ali estava?

Na sua primeira incursão a Kyleakin — a única viagem feita de sua própria volição enquanto ela estava ocupada a vasculhar arcas na torre redonda —, ele nada mais comprara que pão da véspera para que ambos pudessem comer à ceia. Conquanto o agastassem o calor e as cores da paisagem, ficou aliviado por escapar à desconcertante presença dela e tolamente acreditou que o aprovisionamento de comida acaso lhe silenciase a língua sempre arengadora.

Ao descobrir que ele tinha «ido às compras» sem a informar, ela atirara para trás a massa de cintilantes caracóis e fizera uma carranca, ordenando-lhe que lhe providenciasse mais coisas. Da segunda vez gastara uma boa maquia das moedas de ouro que o seu soberano lhe dera, comprando mantas de lã limpas (pois, quiçá um bocadinho toscas e ásperas, mas *ele* nem sequer precisava delas para começar), carne, queijo, fruta, penas de escrita, tinta, e três gordas e ultrajantemente dispendiosas folhas de pergaminho — o pergaminho e as penas porque ela proclamara ser «uma escritora» e era imperativo que escrevesse todos

os dias sem falta. A princípio ele ficara perplexo com ela a ufanar-se de conhecer as suas letras, depois constatara isso ser, possivelmente, um raro feito para um mero mortal. Imaginava conhecer muitas mais letras do que ela, e se ela ainda tinha necessidade de praticá-las, era deveras uma lastimável aprendiz.

Nada impressionada com os resultados da sua segunda expedição, ela enviara-o de volta uma *terceira vez*, com um cuidadoso pequeno rol num pedaço de pergaminho, à procura de mais pergaminho, grãos de café ou chá forte, um caldeirão, canecas, talheres, uma provisão de trapos e vinagre para limpezas, mantas de lã *macias*, colchões de penugem, vinho, e «a menos que queiras ir apanhá-lo tu próprio ao mar», peixe fresco para o inútil animalzinho peludo.

Vingança, a ser comandado por uma diminuta mulherzinha. A arranjar comida para um caçador de ratos.

Ainda assim, ela era coisa mesmerizante. Especialmente dentro do vestido rosa-pálido que desenterrara de uma das muitas arcas. Os olhos chispavam-lhe de irritação ou, ao fazer o rol das suas reclamações, os seios tremiam-lhe suavemente ao gesticular, e logo se tornava toda arrulhos e ternura ao inclinar-se para afagar o animalzinho atrás das orelhas felpudas.

Fazendo-o interrogar-se qual seria a sensação daqueles dedos esguios dentro do seu cabelo.

Ele estava despreparado para alguém como ela e perguntava-se porque é que o seu rei não o prevenira de que os humanos podiam ser tão... intrigantes. Nada com que ele se houvesse j'mais deparado no passado havia sido tão cativante, e o seu rei pintara-os sempre como grosseiras, taciturnas e estúpidas criaturas, facilmente manipuláveis por seres superiores como Vingança.

Ele não manipulara ainda a mais ínfima porção das suas atuais circunstâncias, demasiado ocupado a ser comandado para trás e para diante por ela. *Acende-me a lareira, dá-me a tua camisa, compra-me isto, compra-me aquilo. Umpf!* O que clamaria ela a seguir? Ele — a formidável mão da ira do rei faery — quase tinha medo de descobrir.

— Beija-me.

— O quê? — disse ele sem entender.

— Beija-me — repetiu ela, com um encorajador assentimentozinho.

Vingança deu um passo atrás, amaldiçoando-se interiormente por recuar, mas algo na fogosa moça lhe dava ganas de fugir para

os confins da ilha. Por instrução sua, afofara vários pesados colchões de penugem no único leito do castelo. Ela estendia alegremente por cima macias mantas de lã e uma luxuriosa coberta de veludo verde que não fora intento dele comprar. Fora coagido a trazê-la pelo mercador, que ficara deleitado ao saber que havia uma mulher a residir em Dun Haakon e inquirira avidamente, «Sois pois os novos *laird*⁴ e lady de Dun Haakon?» Com uma carranca, ele atirara uma moeda ao lojista, agarrara na roupa de cama, e apressara-se a sair do estabelecimento.

Começava a ressentir-se de que o seu rei não lhe houvesse dado ordens. Lá, no seu escuro reino, Vingança sabia quem era e qual era o seu fito. Aqui, estava perdido, abandonado num sufocante e espalhafatoso mundo que ele não entendia, rodeado de criaturas que não abarcava, sem uma só palavra de orientação do seu soberano.

E agora a catraia queria que ele fizesse mais uma coisa. Precisamente o quê, não estava ele certo, mas suspeitava que nada de bom augurava para ele. Ela era uma criatura imensamente ciosa dos seus confortos físicos, e esse caminho conduzia — assim o dizia amiúde o seu rei — a fraqueza, desvario e ruína. Vingança poucas necessidades físicas tinha, meramente alimento, água, e uma ou outra hora de repouso.

— Beija-me — disse ela, franzindo os lábios num bico bojudo. Deu à coberta de veludo uma última alisadela. — Acho que te poderá ajudar a recordar.

— O que é um beijo ao certo? — perguntou ele desconfiado.

Os olhos dela arregalaram-se e encarou-o siderada. — Não sabes o que é um beijo? — exclamou.

— Porque haveria de saber? É uma coisa mortal, não é?

Ela inclinou a cabeça e deu mostras de estar a braços com um acalorado debate interior. Um momento depois pareceu ter chegado a uma decisão e acercou-se mais dele. Estoicamente, ele manteve-se firme desta vez, recusando ceder uma polegada que fosse.

— Apenas quero pressionar os lábios contra os teus — disse ela, com inocência mesclada de desarmante sorriso. — Junta-os para a frente, assim. — Fez uma demonstração, e o luxuriante beicinho da sua boca repuxou-lhe algo bem no fundo das entranhas.

— Nã. Não podes tocar-me — disse rigidamente.

Ela inclinou-se mais. Ele captou uma subtil fragrância, algo doce e floral nas suas fogosas madeixas. Fê-lo desejar encostar-lhe o rosto ao cabelo, inalar sofregamente, e afagar os caracóis acobreados.

Inclinou-se para trás. Afortunadamente, a moça era demasiado

⁴ Termo escocês que designa um senhor ou nobre proprietário de terras, lorde. (N. da T.)

baixa para lhe chegar ao rosto sem o seu contributo. Ou um banco a fazer de degrau.

— És tão teimoso — disse ela, com um estrepitoso suspiro. — Muito bem, falemos então. É mais que claro que temos *imenso* de que falar. — Fez uma pausa, e depois, — Não sabe ele o que são beijos — resmungou em surdina para consigo mesma, sacudindo a cabeça. — *Tal* coisa nunca aconteceu antes nos meus sonhos. — Empoleirando-se na extremidade da cama, com os pés a abanar, deu uma pancadinha no colchão ao seu lado. — Anda. Senta-te ao pé de mim.

— Nã. — Como o gatinho pulasse mimosamente para cima da cama e se esparramasse sobre a coberta de veludo, ele fez uma carranca. — Tu ou esse encardido monte de pelo... não estou certo de todo de qual dos dois é mais inútil. Pelo menos o animalzinho não dá tanto à língua.

— Mas o animalzinho tão pouco beija — disse ela maliciosamente. — E não é encardido. Não insultes o meu gatinho — acrescentou na defensiva.

— Atribuis elevado valor a esses teus beijos. Custa-me a crer que valham grande coisa — disse ele desdenhosamente.

— Isso é porque não me beijaste ainda. Se o tivesses feito, saberias.

Vingança moveu-se, a despeito dos seus melhores intentos, para se postar aos pés da cama entre as pernas dela. Fitou-a de alto. Ela agarrou no gatinho e pressionou os lábios contra a sua cabeça felpuda. Ele cerrou os olhos e lutou contra uma torrente de imagens que não faziam qualquer sentido para ele.

— Talvez estejas temeroso — disse ela docemente.

Ele abriu os olhos. — Eu nada temo.

— Então porque não me deixas fazer algo tão inofensivo? Vês? O gatinho sobreviveu ileso.

Ele debateu-se com a resposta por um momento, e depois disse simplesmente, — Tu não podes tocar-me. É interdito.

— Porque não, e por quem?

— Eu obedeço ao meu rei. E não é da tua conta porquê.

— Eu acho que é. Julguei que fosses um homem que pensava por si próprio. Um guerreiro, um líder. Agora dizes-me que segues ordens como qualquer fantochezinho.

— Fantoche?

— Uma imitação de uma pessoa real feita de madeira, articulada para um lado e para outro pelo seu dono. Tu não passas de um lacaio, pois não?

O seu delicado desdém atingiu-o até ao âmago, e encolheu-se

zangado. A quem estava ela a chamar lacaio? Ele era Vingança, ele era perfeito e forte e... Och, *ele era o lacaio do seu rei*. Porque o agastava aquilo? Porque tinha ele a estranha sensação de que em tempos não fora servo de ninguém mas um líder de pleno direito?

— Porque lhe obedeces tu? — insistiu ela. — Esse teu rei significa assim tanto para ti? Ele é assim tão bom para ti? Fala-me dele.

Vingança abriu a boca, tornou a fechá-la, e saiu silenciosamente do quarto.

— Onde vais? — chamou ela lá de trás.

— Preparar uma refeição, e então dormirás e deixar-me-ás em paz — rosnou ele por sobre o ombro.

Jane comeu na cama, sozinha com o gatinho. Aedan trouxe-lhe peixe assado numa fogueira e uma batata enegrecida que obviamente fora enfiada nas brasas para cozer, acompanhada de um nabo igualmente carbonizado, e saiu então em silêncio. Nada de sal. Nem manteiga para a batata seca. Nem uma gota de limão para o peixe.

Cuidadosamente, concedeu que não estava provavelmente a sonhar — nunca a comida fora tão intragável em nenhum dos seus sonhos. E após reflexão, constatou que embora tivesse comparecido em muitas festas em sonhos, nunca comera de facto nada em nenhuma delas. Agora, tratou de engolir tudo pois estava mais que emocionalmente esgotada para tentar cozinhar para si mesma numa fogueira. Amanhã era outro dia.

O gatinho listado de tigre, a quem ela batizara de *Ninfeta* (depois de apologeticamente espreitar debaixo da cauda) dada a maneira como a rafeirita se meneava de um lado para o outro como que ultrajantemente agradada consigo própria, devorou esfomeado um tenro filete de peixe, e logo se ocupou a esfregar os bigodes com as patinhas humedecidas de saliva enquanto Jane considerava perplexa a sua situação.

Ficara atónita ao descobrir que Aedan não fazia ideia do que era um beijo, mas quanto mais pensava nisso, mais sentido fazia.

Aedan não só não sabia que era Aedan, como não se lembrava de que era um *homem*, e daí não recordar as intimidades do fazer de amor!

Interrogou-se se isso faria dele uma espécie de virgem. Quando finalmente fizessem amor — e não havia dúvidas na sua cabeça de que o fariam, de uma forma ou de outra, nem que ela tivesse de emboscá-lo e atacá-lo —, faria ele alguma ideia do que se tratava aquilo tudo? Quão

estranho pensar que se calhar teria de ensiná-lo, a ele que fora seu inesgotável tutor em sonhos.

Ele não gostara certamente de ser provocado, cismou. Ficara cada vez mais agitado quando ela troçara dele por obedecer ao seu rei e eriçara-se visivelmente à ideia de ser um mero laçao. Ainda assim, não obstante tão prometedoras reações, ele tinha uma concha e tanto que iria ser difícil de penetrar. Seria uma ajuda ela saber o que lhe acontecera. Precisava de fazê-lo falar a respeito do seu «rei», e apurar quando e como se tinham conhecido. A haver deveras um «rei faery», acaso o ser o tivesse encantado. A ideia desafiava a credulidade de Jane, mas, tudo considerado, supunha não poder suspender a incredulidade sem suspendê-la por completo. Até que chegasse a algumas conclusões concretas sobre o que se estava a passar, seria desavisado descartar quaisquer possibilidades.

Fosse o que fosse que lhe fora feito, ela teria de desfazê-lo. Esperava que isso não tardasse de mais, pois não estava certa de quanto tempo aguentaria ver a sua alma gémea fulminá-la com olhos de flagrante desconfiança e desagrado. Negar-lhe beijos. Recusar-se a deixá-la tocá-lo.

Tens um mês aqui com ele, não mais, sussurrou uma voz feminina cantada.

A *Ninfeta* deixou-se de toiles, com a pata petrificada diante do focinho. Arqueou-se em forma de ferradura e emitiu um feroz silvo.

— O q-que é? — gaguejou Jane, olhando à sua volta.

Cessa esses absurdos protestos de que este lugar não é real. Estás no século XV, Jane Sillee. E aqui poderás ficar, se fores bem-sucedida. Apenas tens um ciclo completo da lua no céu para fazê-lo recordar quem é.

Jane abriu a boca, fechou-a, e tornou a abri-la, mas nada de lá saiu. A *Ninfeta* não padecia de tal problema, rosnando baixinho sem parar. Alisando gentilmente os pelos eriçados do lombo do gatinho, Jane humedeceu os lábios e engoliu em seco. — Isso é impossível, o homem mal me dirige a palavra! E quem és tu? — clamou. *Estou a falar com uma voz descarnada,* pensou, desnorteada.

Não sou eu que não sabe. Cuida mas é dele.

— Não sejas críptica. Quem és tu? — sibilou Jane.

Não houve resposta. Uns momentos depois, o lombo da *Ninfeta* deixou de parecer o de um porco-espinho, e Jane percebeu que quem quer que tivesse falado se fora.

— Bem, o que é simplesmente suposto que eu faça? — berrou zangada. Um mês não era grande tempo para apurar o que lhe acontecera e ajudá-lo a lembrar-se de quem era. Gostava de saber quem é que

instaurava as regras. Tinha uma ou duas coisas para acertar com esse alguém.

Aedan apareceu no limiar da porta, iluminado por um raio prateado de luar que jorrava pela janela aberta, o peito esculpido nu, a implorar que lhe tocassem.

Ela foi subitamente acometida de duas certezas bem fundo na medula dos ossos: que, tal como a mulher dissera, estava de facto no século XV, e que se não o ajudasse a lembrar-se, algo terrível e muito além da sua imaginação seria feito dele. Viveria ele e morreria como a gélida criatura em que se tornara? Transformar-se-ia acaso em coisa ainda pior?

— Oh, Aedan — disse, as palavras ardendo-lhe na garganta. Todo o seu amor e saudade e medo estavam no nome dele.

— Eu sou *Vingança* — rosnou ele. — Quando o aceitarás?

Como ele desse meia-volta e desandasse do quarto para fora, Jane deixou-se ficar muito tempo sentada, olhando à sua volta, examinando tudo com novos olhos, interrogando-se como poderia ter pensado por um momento que fosse que se calhar estava a sonhar. A razão porque tudo parecera tão real era porque *era* tão real.

Deixou-se cair de novo na cama e fitou as teias de aranha do teto através de um véu de silenciosas lágrimas. — Não te perderei, Aedan — sussurrou.

Horas mais tarde, Vingança postou-se aos pés da cama, vendo-a dormir. Passara algum tempo imerso num sono desassossegado no chão do salão e acordara intensamente agitado. O seu repouso não fora a espécie de repouso que ele conhecera em Faery — um estado nervoso, quase desperto, de curta duração. Não, caíra num profundo olvido por muito mais tempo do que era habitual, e a sua mente imersa no sono fizera estranhas viagens. Ao despertar, a memória desses lugares dissolvera-se com a presteza de uma bolha a rebentar, deixando-o com a importuna sensação de que se esquecera de algo de monta.

Perturbado, fora à procura dela. Estava esparramada de costas, o vestido rosa amarfanhado em torno das coxas, uma massa de fofos caracóis em torno do rosto. O gatinho ao qual parecia estranhamente apegada — por demais fibroso para ser tragável assado no fogo, e incapaz que era de útil labor, o interesse dela por ele era coisa que o aturdiu — estava igualmente esparramado de costas e lograra insinuar-se-lhe cabelo dentro. As suas diminutas garras dobravam-se

e desdobravam-se enquanto emitia um som singular. Um fio de baba escapava-lhe dos finos beiços rosados.

Cautelosamente, Vingança baixou-se sobre a cama. A moça agitou-se e estendeu-se mas não acordou. O gatinho enrolou-se numa bola e ronronou mais alto.

Com todo o cuidado, Vingança pegou num anel de cabelo dela e susteve-o entre os dedos. Tremeluziu ao luar, com todos os matizes do fogo: ouro e cobre e bronze. Não se parecia com nada que ele houvesse visto antes. Havia mais cores num simples cacho de cabelo dela do que houvera em todo o mundo dele até à véspera.

Alisou o caracol entre o polegar e o indicador.

O gatinho abriu um olho dourado e fitou a mão morena de Vingança.

Não fugiu dela, cismou, o que confirmou que ele não era faery; pois era bem sabido que os gatos abominavam as fadas. Por outro lado, não tentou tocar-lhe, o que ele supunha significar não ser ele humano também, pois a coisa certamente saltava para cima da moça a cada ensejo.

Então o que sou eu?

Deslizando-lhe uma mão por sob as madeixas, deitou-lhe uma breve espreitadela. Os olhos ainda estavam fechados, os lábios ligeiramente apartados. Os seios subindo e descendo gentilmente.

As duas mãos.

Sabia. Tão. Bem.

Havia certamente tocar e mais tocar neste lugar. O próprio gatinho parecia anelar por ele. E ela — ah, *ela* tocava em tudo. Fazia festinhas no animalzinho, acariciava a coberta de veludo que ele trouxera de Kyleakin, e teria tocado nele uma dúzia de vezes ou mais — vira-lho nos olhos. *Beija-me*, dissera ela, e ele quase a esmagara nos braços, intrigado com este «pressionar dos lábios» que ela descrevera. A mera ideia de tocar em tamanha calidez provocava-lhe coisas alarmantes no corpo. A medo, tocou-lhe com a ponta do dedo indicador a face, e logo fugiu.

O gatinho enterrou-lhe o nariz rosado no cabelo. Após momentânea pausa, Vingança fê-lo também. Depois pousou ao de leve a face contra a dela, absorvendo a sensação contra a pele.

Porque lhe obedeces tu? Ele é assim tão bom para ti?

Vingança tentou ponderar tal pensamento. O seu rei era... bem, o seu rei. Que direito tinha Vingança de questionar se o seu soberano era bom para ele ou não? Não lhe cabia tal coisa!

Porque não? Pela primeira vez em séculos, desenhado da

constante coerção dos feitiços negros do rei, um pensamento independente brotou e cravou-lhe uma primeira e espessa raiz na mente. Não fazia ideia de onde surgira tamanha blasfêmia, mas surgira, e era um desafio aos seus esforços escorraçá-la. Uma dor trespassou-lhe a cabeça atrás dos olhos. Uma pressão excruciante formou-se-lhe nas têmporas, e tapou os ouvidos com as mãos como que para silenciar vozes que só ele podia ouvir.

Aedan, vem depressa, tenho uma coisa para te mostrar. O Da trouxe-me uma marta bebé! Uma voz de moça, de uma moça que fora em tempos terrivelmente importante para ele. Uma criancinha de oito anos, com quem ele se afligia e que tentava proteger. *Mary, ela fica bem com o bichinho*, dizia uma voz de homem.

Mas nós velejamos para longe amanhã, protestava Mary. *Está ferido e pode magoá-la sem querer.*

Aedan tem jeito para as criaturinhas, e olhará pela irmã.

— Aedan — soprou ele —, testando o som na sua língua.

— Vingança — sussurrou passado um momento.

Nem um nem outro nome lhe assentavam como pele em osso. Nem um nem outro lugar onde estivera — nem a sua terra de gelo nem esta ilha — lhe davam a sensação de botas mais que usadas, amolecidas e bem feitas ao pé.

Foi acometido da feroz ânsia de rastejar para fora do seu próprio corpo, tão estranho e desengonçado lhe parecia subitamente. Na terra do seu rei sabia quem era e que propósito servia. Mas aqui, *och*, aqui, de nada sabia.

De nada senão dor em lugares bem dentro da cabeça e um formigar em lugares bem dentro das entranhas.

Atentamente, olhou as pálidas curvas das pernas dela espreitando da bainha do vestido. Quão macias pareciam... quão cálidas.

Cerrou os olhos bem cerrados, visualizando o seu bem-amado lar com o seu rei.

Sois pois os novos *laird* e lady de Dun Haakon?, inquiriu-lhe o lojista vivamente na cabeça, obliterando a apaziguadora visão de gelo e sombra.

— Nã — sussurrou. — Eu sou Vingança.



Os aldeãos acorreram ao castelo ao raiar do dia.

Jane acordou lentamente, sentindo-se desorientada e vulnerável. Não sonhara com Aedan, e se lhe restavam vestígios de dúvidas de que estava no século XV antes de adormecer, evaporaram-se agora. Nunca dormira uma noite inteira sem pelo menos um sonho com o seu amor *Highlander*.

A princípio não ficou certa do que a acordara, até que o clamor de vozes se elevou no salão além da porta aberta do quarto de dormir. Excitadas e estridentes, eram pontuadas por pomposas e relutantes réplicas com o profundo sotaque de Aedan.

Levou rapidamente a cabo o ritual matinal de reforço positivo anunciando alegremente para o quarto vazio, — É hoje! Que melhor dia poderia ser? — Lera algures que tais pequenas litânias eram úteis na definição do estado de ânimo, pelo que a recitava sem falta cada manhã. O ontem era uma memória. O amanhã era uma esperança. Hoje era outro dia para viver e fazer todo o possível por amar. Em seu entender isso era mais ou menos tudo o que uma pessoa podia pedir.

Beijando o gatinho sonolento na cabeça, deslizou da cama para fora, despiu rapidamente a roupa amarrotada, e vestiu o vaporoso vestido amarelo que desenterrara na véspera ao vasculhar as arcas. Estava desejosa de usá-lo, pois era inegavelmente romântico com o seu corpete rendado e decotado e saia fluida. A par da total ausência de roupa interior em qualquer uma das arcas, sentia-se positivamente pecaminosa. A postos para o seu homem a qualquer momento. Que esperança tinha de que fosse hoje!

Lançando uma rápida olhadela à volta do quarto, semicerrou pensativamente os olhos. Ia querer uns quantos artigos mais da aldeia próxima, e quanto antes, nomeadamente uma grande banheira e fosse o que fosse que as gentes medievais usavam como sabão e pasta de dentes. Atraída pelo alarido, apressou-se a sair do quarto.

...

Vingança estava encostado à lareira qual animal acuado. Uma dúzia de aldeãos vociferantes estendiam-lhe comida e presentes e não paravam de falar numa qualquer lenda e de como estavam deleitados por ter um MacKinnon de volta a olhar por eles. De como o serviriam fielmente. De como planeavam reconstruir o castelo.

Ele — olhar por eles? Mais depressa varreria a mão pelo salão, nada deixando senão ossos e silêncio!

Mas susteve ambas as mãos, e os poderes de destruição faery que o seu rei lhe dera, cuidadosamente atrás das costas, pois não sabia que maldito inferno queria o seu soberano. A raiva fervia-lhe nas veias — raiva contra os aldeãos, raiva contra o seu soberano — espantando-o com a sua intensidade. E então *ela* entrou saltitante e parte da raiva dissipou-se, desalojada por um desconforto de outra espécie, ligeiramente mais gostoso mas não menos desconcertante.

Ela era qual raio de sol bruxuleando no lúgubre interior do salão. Com ele observando em crispado silêncio, ela sorriu e falou e tomou as mãos dos aldeãos nas suas, acolhendo todo o lote de maltrapilhos no que haviam sido, por bem-aventurado curto tempo, os *seus* aposentos e de ninguém mais. Como e quando perdera ele tão completamente o controlo da sua pessoa e do que o rodeava?, interrogou-se. Seria o controlo algo que as sortes sugavam lentamente ao longo de um período de tempo, ou coisa instantaneamente aniquilada pela mera aparição de uma fêmea? Entra mulher — ordenou.

E, *och*, como eles sorriam para ela, radiosos e adoradores, aceitando-a claramente como sua dama!

— Ela *não* é uma MacKinnon — dardejou. Mais valia desenganá-los quanto antes da tola noção de que ele era *laird* e ela lady.

Todas as cabeças giraram para olhar para ele.

— Milorde — disse um deles vacilante após penosa pausa —, não é da nossa conta se unistes a mão à dela ou não. Apenas temos gosto em acolher-vos a ambos.

— Nem eu sou MacKinnon nenhum — disse ele rigidamente. Um ancião com cabelo de prata, trajando galdras⁵ vermelhuscas e camisa de linho, abanou a cabeça e sorriu gentilmente. — Vinde — acenou, apressando-se a sair do salão para a ala adjacente.

Por demais irritado consigo mesmo por fazê-lo, ele buscou o

⁵ “Trews” no original. Calças justas ou calções usados pelos antigos escoceses das Terras Altas, variante antiga de “trouse” ou “trousers”. Não havendo palavra equivalente em Português, optou-se por usar um sinónimo pouco conhecido de calças. (N. da T.)

olhar da moça. Estava tão acostumado a obedecer a ordens que tomar simples decisões, como seguir ou não o ancião, o deixava paralisado. Abominava a confusão que sentia, abominava ser deixado entregue a si próprio. Ela avançou direita a ele, com ar de quem intentava enfiar-lhe a mão no braço. Arreganhando os dentes em silencioso rosnido, deu meia-volta e seguiu o velhote. Antes as suas próprias decisões, decidiu, do que apoiar-se *nela*.

Uns momentos depois, encontrava-se na torre redonda a observar o ancião que removia poeirentas mantas de lã envolvendo volumes empilhados atrás de um sortido de arcas junto à parede. O ancião parecia estar à procura de uma coisa em particular, e, ao localizá-la, devotou extremo zelo a limpar-lhe o pó. Depois fê-la girar e depositou-a à sua frente, onde todos pudessem ver.

Vingança susteve bruscamente o fôlego. O ancião desvelara um retrato de uma menina de cabelo escuro sentada entre um homem e uma mulher. O homem era sobrenaturalmente parecido com ele próprio. A mulher era uma beldade de revoltos cachos louros. Mas a menininha — ah, só de fitá-la sentia-se inundado de dor. Fechou os olhos, subitamente respirando a custo.

Mas não podes deixar-me, Aedan! A Ma e o Da foram velejar e eu não sou capaz de ficar sozinha! Não, Aedan, não me deixes! Tenho um terrível presságio de que não retornarás!

Mas aquele «Aedan», fosse ele quem fosse, tivera de partir. Não tivera escolha.

Vingança perguntou-se quem seriam o homem e a criança e como ele sabia deles. Mas tais pensamentos faziam-lhe doer a cabeça de modo que os escorraçou da mente. Não era da sua conta.

— São Findanus e Mary Insolente, com a filha, Rose — informou-o o ancião. — Prometeram há séculos que conquanto o castelo pudesse ser abandonado, um dia um MacKinnon retornaria, a aldeia prosperaria, e o castelo encher-se-ia novamente de clã.

— Eu *não* sou um MacKinnon — rosnou Vingança.

O ancião pegou noutro retrato ainda de três homens cavalgando para uma batalha. Até Vingança foi forçado a conceder que a sua semelhança com eles era assombrosa.

— São Duncan, Robert e Niles MacKinnon. Os irmãos foram mortos combatendo por Robert de Bruce há mais de um século atrás. O castelo está vazio desde então. Os restantes MacKinnon restabeleceram-se para leste, no continente.

— Eu não sou parente deles — disse rigidamente Vingança.

A moça que lhe invadira o castelo bufou. — És igualzinho a

eles. Qualquer um pode ver a semelhança. És claramente um MacKinnon.

— É um misterioso acaso, nada mais.

Os aldeãos quedaram-se em silêncio por algum tempo, penderes de uma deixa por parte do ancião. O velhote avaliou-o por vários instantes, depois falou num tom que se poderia empregar para amansar um animal selvagem. — Viemos oferecer os nossos préstimos. Trouxemos de comer, beber, e materiais de reconstrução. Chegaremos cada manhã ao raiar do dia e cá ficaremos como vossos servos até ao lusco-fusco. Rogamos que escolhais permanecer connosco. É claro que sois um guerreiro e um líder. Seja por que nome for que deis, muito nos aprazeria chamar-vos *laird*.

Vingança sentiu-se assaltado de peculiar impotência. O homem estava a dizer que fosse ele MacKinnon ou não, precisavam de um protetor e queriam-no a *ele*. Sentiu simultâneo desdém, uma sensação de que estava acima daquilo tudo, e contudo... a modos que uma torrente de prazer.

Ansiava por lhe pôr fim — por escorraçar os aldeãos dali para fora, por forçar a fêmea a partir — mas não estando a par do propósito do seu rei ao enviá-lo ali, não podia, não fosse deitar por terra o plano do seu soberano. Era possível que o seu rei contasse que ele se submetesse a uma quinzena de afazeres mortais para provar quão estoicamente resistia e demonstrar quão bem se sairia entre eles no futuro. Havia igualmente a possibilidade de que, dado ser ele o emissário do seu rei no reino mortal, acaso tivesse futura necessidade deste castelo, e que fosse *intento* do seu rei ser ele reconstruído pelos aldeãos. Sacudiu a cabeça, não abarcando porque fora abandonado sem orientação.

— Oh, que amoroso da vossa parte oferecerem-se! — exclamou a moça. — Que amáveis que vocês são! *Adoraríamos* a vossa ajuda. Eu chamo-me Jane, já agora — disse para o ancião, apertando-lhe a mão e sorrindo. — Jane Sillee.

Vingança saiu da torre sem dizer outra palavra. *Jane*. Fez rolar o nome na mente. Ela chamava-se Jane. — Jane Sillee — sussurrou. Agradava-lhe o som nos seus lábios.

A cabeça começou a martelar-lhe de novo.

— De que padece ele, milady? — perguntou Elias, o ancião da aldeia, após Aedan ter partido e apresentações terem sido feitas entre todos.

— Sofreu uma queda e fez uma grave contusão na cabeça — mentiu

desembaraçadamente. — Pode passar algum tempo até que volte a ser ele mesmo. A sua memória ressentiu-se, e está incerto quanto a muita coisa.

— Ele é um MacKinnon de um dos territórios do clã no leste? — perguntou Elias.

Jane assentiu, lastimando a mentira mas julgando-a necessária.

— Eu estava mais que certo, o semblante não engana — disse Elias. — Desde a batalha de Bannockburn, deixaram a ilha ao deus-dará, ocupados com os seus haveres no continente. Há muito rogamos que nos enviem algum parente para nos guardar, para residir na ilha de novo.

— E enviaram, mas ele sofreu um acidente na viagem para cá e temos de o ajudar a recordar — disse Jane, agarrando a oportunidade que lhe era oferecida, grata por agora ter co-conspiradores. — Toquem nele frequentemente, conquanto isso possa parecer indispor-lo — disse-lhes. — Acredito que isso ajuda. E tragam crianças para aqui — disse, lembrando-se de como nos seus sonhos Aedan adorava crianças. — Quantas mais, melhor. Talvez pudessem brincar no pátio enquanto nós trabalhamos.

— Nós? *Vós* não necessitais de labutar como uma serva, milady — exclamou uma jovem mulher.

— Faço tenção de participar na reconstrução da nossa casa — disse Jane firmemente. *A nossa casa* — como lhe soava bem aquilo! Sentiu-se gratificada ao ver um vislumbre de apreço nos olhos das mulheres. Houve vários assentimentos de aprovação.

»Além disso, ouvi dizer algures que odores familiares podem ajudar a despertar memórias, por isso se não se importarem de me ensinar a cozinhar algumas coisas que julguem que lhe agradarão, muito me aprazeria. Receio não ser a melhor das cozinheiras — admitiu. — Mas estou desejava de aprender.

Mais assentimentos de aprovação.

Jane abriu-se num sorriso radioso. A sua litania matinal ajudava realmente: o de hoje estava a revelar ser um belo dia apesar de tudo.